

Capítulo X

FATOS SINGULARES

O CASTRADOR DE PORCO

Assim como tinha o castrador de jumento, em Monsenhor Tabosa tinha também o castrador de porco e neste ramo, destacava-se com muita habilidade, o senhor Antonio Jerônimo, tratado entre seus pares, pelo apelido de Tararé.

Por várias ocasiões o vi em tais procedimentos no quintal de minha casa a convite de meu pai. Como ainda era criança, não compreendia a razão de tamanha crueldade com os animais.

Certa ocasião seu Antonio falou que quando acabasse de “beneficiar” o porco lá em casa iria fazer a mesma coisa com meu irmão Luiz. Desesperado ele saiu correndo e com muito custo lhe convenceram de que era apenas uma brincadeira.

Senhor Antonio, um dia foi procurado pelo Raimundo Veríssimo, meu primo em segundo grau que lhe propôs uma boa recompensa para que o mesmo castrasse um gato preso embaixo do braço, sem camisa e sem qualquer anestesia para o animal.

A justificativa é que segundo ele, tinham-lhe ensinado que o gato castrado nessas condições não transmitia bronquite às crianças.

Senhor Antonio não aceitou a proposta.

O HOMEM QUE NUNCA FOI HOMEM

Antonio Rodrigues de Andrade, o Antonio Gonzaga, filho do meu tio Gonzaga André e genro do meu tio Budim, desde jovem exerceu a profissão de vaqueiro. Primeiro com o pai e os irmãos na fazenda do Senhor Luiz Alves no Salgado. Depois em outras propriedades e por fim, vaqueiro dele próprio na localidade de Pitombeira no município de Santa Quitéria.

Hoje, já alquebrado e sentindo o peso da idade, não tem mais a mesma disposição de antes, mas mesmo assim ainda dá as suas cacetadas.

Bem humorado no misto de conformação e revolta, um dia disse: “fui menino, fui vaqueiro, hoje sou velho”. Portanto nunca fui homem.

PEGOU A CAÇA, MAS PERDEU O CACHORRO

Raimundo Rodrigues de Castro, que não é o autor e sim tio deste, mais conhecido por Budim, era um homem de baixa estatura, tímido, cauteloso, trabalhador, pobre e um exemplo de moralidade e decência, como o eram também seus demais irmãos e irmãs.

Dizem que quando jovem, era um exímio dançarino freqüentador assíduo dos bailes ou festas da época, mas nunca fez uso de bebida alcoólica, apesar de ter trabalhado como destilador nas fabricas do Coronel Epifâneo.

Até onde eu sei, nunca saiu do Estado do Ceará e a viagem mais longa que fez foi até Tauá como tangerino dos Nunes, Francisco, João e José, este, meu padrinho.

Sempre residiu fora da cidade de Monsenhor Tabosa, mas em seu município onde as condições fossem favoráveis ao exercício da agricultura sua atividade principal.

Morou no Salgadinho, Mulungu, Cedro, Barbalho, Lagoa Seca, Riacho do Mato e Catunda, onde faleceu com 98 anos de idade.

Budim era um homem de invejável agilidade, não comparada no entanto, com a do Senhor José Cândido, do Gabriel, que como contava meu cunhado José Jeremias, certa ocasião ao ver despencar uma pilha de latas de soda cáustica na mercearia do Serrinha, conseguiu pegar ao mesmo tempo, 25 latas antes que atingissem o chão.

Budim também fazia das suas. Um dia estava trabalhando no seu roçado, quando percebeu que seu cachorro perseguia um veado que vinha disparado em sua direção. Imaginou a trajetória a ser seguida pelos mesmos e postou-se atrás de uma moita aguardando a passagem da caça, pois o cachorro logicamente vinha em desvantagem. No exato momento da passagem do animal, Budim conseguiu pegá-lo e amarrá-lo com o cinto. Só que não era um, eram dois veados, mas mesmo assim Budim conseguiu também pegar o segundo.

Quanto ao cachorro, este passou direto e desapareceu no mundo e nunca mais foi visto tamanha foi a carreira.

A Bodega do Zé Martins

Localizada na esquina da Rua São Sebastião com a Santo Antônio, em frente ao Arranha-Céu, a bodega do Zé Martins, nos anos 60, tornou-se o principal ponto de encontro da “Velha Guarda” nas noites taboenses. Lá ouvia-se e contava-se histórias verdadeiras ou não, falava-se sobre pescaria, caçada, política, inverno, custo de vida e assunto diversos.

Além do bodegueiro, era comum ver-se à noite naquele estabelecimento, as seguintes pessoas: Raimundo Gabriel,

Antônio Pedreiro, Pedro Mateus, Antônio Justino, Edgar Almeida, Chico Argemiro, João Rosa, Zé Frota, Zé Pichita, Manoel Tomé, Chico Marinho, entre outros. Lamentavelmente, muitos desses homens já partiram desta para outra vida.

Certa ocasião estava o Chico Argemiro contando a história de um porco que ele tinha matado do qual tinha tirado dois metros e meio de toucinho. Ao ouvir a história, Zé Frota perguntou ao Chico se ele tinha tirado o toucinho do porco foi como quem descasca laranja, ou seja, em espiral. Chico reagiu sorrindo, pois admitira o exagero.

Em outra ocasião Raimundo Gabriel contou que conheceu um menino, que por ter recebido uma maldição, se olhasse insistentemente para um ser vivo, este morreria imediatamente. Antônio Justino, habituado a caçadas, reagiu: "Ah se eu pegasse esse menino em um pombal!".

Antônio Justino chegou a Monsenhor Tabosa em 1955, procedente da Serra das Imburanas, que não sei a onde fica. Casado com dona Maria e já com alguns filhos, foi morar em uma casinha que pertencia à minha avó Ana Rosa, então recém-falecida, no Rabo da Gata.

Saudável, mas franzino logo recebeu o apelido de Antônio Pichilinga, com o qual nunca se incomodou. Aos poucos foi-se familiarizando com os habitantes da cidade e logo se tornou conhecido por todos. Acabou de criar a família em Monsenhor Tabosa onde vive até hoje.

Nunca ouvi falar em algo que pudesse vir a desabonar a sua conduta enquanto cidadão. É um homem de bem, como é a maioria dos homens dessa cidade, pois se algum taboense, de qualquer geração, desviou-se dos caminhos da ética, da decência e da moralidade, tal não traduz a conduta nem o pensamento dos demais filhos dessa Terra.

A Barbearia do Raimundo Vieira

Raimundo Felipe Vieira foi um renomado profissional da cidade na arte de cortar cabelos. Não chegava a ser um Jassa, o estilista capilar do Silvio Santos, mas com certeza, era bem melhor do que seu colega Raimundo Pintado.

Raimundo no entanto, não acompanhou a evolução da tecnologia e seu salão era de uma simplicidade sem par, não tinha equipamentos modernos e nem modelos diversificados. Passou 50 anos estabelecidos no mesmo local e usando a mesma cadeira.

Raimundinho Firmino, apesar de praticamente não possui barba, era um de seus clientes. Certo dia resolveu questionar o profissional nos seguintes termos: "Ola Raimundo, eu quase não tenho barba e tu me cobra cinco mil reis para fazer". "Quanto é que tu cobra para fazer a barba do Valério?" O senhor Valério realmente tinha a barba fechada.

Raimundo Vieira quando jovem trabalhava também com couro e sola e era quem fazia as sandálias da minha avó Ana

Rosa, sua tia. Era um homem sério, destemido e com muito prestígio na cidade onde nasceu e viveu até seu desenlace material. Ao nosso querido Vieira, minha saudade.

O Bar do Piaba

De propriedade do Eudes Cavalcante, mas administrado pelo Tacinho Alfredo, tratado por Piaba, entre seus pares, aquele local transformou-se numa verdadeira atração nas noites taboenses nos anos 60.

Localizado entre o Armazém do Senhor Ulisses e antigo Hotel Familiar, restrito ao público masculino, pois naquela época mulheres não freqüentavam bar, o Bar do Piaba reunia jovens e não jovens saudosistas e amantes de um bom bate-papo, da música romântica e por que não dizer de uma boa cerveja gelada.

A atração maior eram as canções cantadas e acompanhadas pelo Eudes Cruz, tornando-se famosas: Na Fronteira do México Ironia e outras.

Às vezes ouvia-se também o Zé Rosa cantando: Violão, de Nelson Gonçalves, Balada Triste de Agostinho dos Santos, Serenata Suburbana, interpretação de Alcides Gerardes e A Noite do Meu Bem, de Dolores Duran, esta sempre a pedido do Doutor Helder.

Um dos Ilustres e assíduos freqüentadores do local, Hermenegildo Jorge Sampaio, nosso querido Gildo, costumava também exercitar sua voz cantando a Deusa do Cassino, para satisfação deste autor.

Um Exemplo de Moral e Obediência

Certo dia um jovem da cidade, movido ao que parecia por uma crise de ciúmes ou por uma frustração amorosa, buscava extravasar seus sentimentos no interior de um bar onde bebia, quebrava copos e garrafas e desafiava a todos os presentes. O dono do estabelecimento não reagia pois sabia que os danos seriam ressarcidos e os demais tentavam harmonizar a situação sem qualquer violência, afinal tratava-se de uma pessoa de bem, apenas momentaneamente alterada.

Não sei se avisado ou se por casualidade, o pai do jovem chegou á porta do bar, reconhecendo ali um dos seus filhos como protagonista daquela cena. Com seu tradicional terno branco e chapéu, aquele senhor que nunca dera tal exemplo para seus filhos, permaneceu parado olhando para o rapaz manuseando a gravata no sentido vertical e sem nada falar. Diante do pai estático mas certamente expressando um ar de reprovação á sua conduta, o jovem antes excessivamente alterado transformou-se em uma verdadeira criança, começou a chorar e pediu perdão ao pai. Por sua vez, o pai limitou-se a mandar que o filho fosse pra casa, o que foi feito sem ponderação.

O Bico de Inchu

Seu nome era Francisco filho do senhor Francisco Procópio, jovem e com grande disposição para o trabalho. Tornou-se um empregado eventual do Raimundinho Firmino, ora cuidando dos seus animais, ora carregando água para abastecer a casa do patrão. Não havia salário pré-estabelecido e muito menos Contrato de Trabalho, mas isso não significava dizer que não recebesse a recompensa pelos seus serviços.

Aproximando-se as festividades tradicionais do mês de janeiro, Raimundinho resolveu premiar o empregado como um corte de brim para o mesmo fazer uma roupa. Antes, porém, necessitava saber quantos metros de tecido precisava comprar. Ao consultar o empregado o mesmo respondeu que precisava de 10 metros. Surpreso, Raimundinho respondeu: “-Ola,Ola rapaz,eu quero te dar e uma roupa não e uma empanada para um circo não”.

Raimundinho costumava fazer essas observações.

Pedido Inoportuno

Todos nós sabemos que em época de campanha política os candidatos a cargos eletivos são constantemente assediados pelos eleitores com os mais variados pedidos, apesar das limitações impostas pelas Leis Eleitorais. Tais pedidos vão de dentaduras a laqueaduras de trompas.

Em umas dessas épocas o senhor Honório Melo estava em plena campanha, não me recorde se para eleger-se ou se para eleger o seu candidato. Senhor Honório foi então procurado por um eleitor que lhe fez um pedido inédito, queria uma carga de rapadura. Repentista como sempre fora, senhor Honório respondeu: “E, né F, eu estou fazendo e campanha política, não e moagem não”. E acrescentou: “Além do mais, as canas da Ingá ainda não estão boas e o Chico Miguel não deixa moer”. “Você sabe como e o Chico né”?.

O Namoro Proibido

Numa época em que a população de Monsenhor Tabosa, notadamente e seguimento jovem, vivia o auge da divisão social, chegou á cidade um cabo da Policia Militar, onde passou a exercer suas atividades na função de telegrafista. Jovem falante e sempre bem uniformizado além de uma aparente estabilidade financeira, aquele militar começou a despertar interesse em algumas moças da cidade. Por sua vez o graduado simpaticizou-se com uma linda jovem indiferente ao seguimento social a que a mesma pertencia. Efetivamente a moça se ajustava ao padrões impostos pela denominada sociedade, mas a humildade, meiguice e simplicidade expressos a sua postura, parecem ter confundido o militar que tentou enamorá-la acreditando talvez, encontra-se em condições de igualdade social. Um dos primeiros, se não o primeiro encontro dos jovens ocorreu na praça principal da

cidade, a denominada avenida, de forma bem discreta, em local iluminado e sob involuntários olhares dos transeuntes.

Em dado momento o casal foi abordado pelo irmão da moça que a mandou para casa após severa repreensão (a ela) e uma frontal ofensa á integridade moral do rapaz, num verdadeiro exemplo de preconceito social e discriminação, uma vez que o rapaz era negro.

Permanecendo na cidade o militar casou-se posteriormente com outra moça, pobre evidentemente, mas de família igualmente conceituada e com idênticos atributos físicos. Conclui-se daí, que o jovem militar estava realmente bem intencionado em sua primeira tentativa de namoro.

Trocando o Disco

Nos anos 50, quando veículo automotor ainda era novidade em Monsenhor Tabosa, um conhecido comerciante adquiriu um caminhão da marca Austim que passou a ser utilizado no transporte de gêneros para a capital e cidades vizinhas como Nova Russas, Crateús, Santa Quitéria e Sobral. A ladeira do macaco era passagem obrigatória para aquelas cidades, e não tinha asfalto além de bastante acentuada. Apesar da capacidade profissional do chofer, como era chamado na época o caminhão vivia dando problemas no sistema de embreagem, o que causava enorme preocupação ao proprietário.

Em conversa com Raimundinho Firmino, o dono do caminhão falou que já não sabia mais que disco de embreagem colocar no carro, pois todos que comprava se quebravam. Foi ai que Raimundinho sugeriu: “ola, ola, compra aquele disco que diz assim: “Você roubou meu sossego , você roubou minha paz, com você vivo a sofrer, sem você eu sofro muito mais”.

Raimundinho referia-se a um samba de autoria de Ataulfo Alves, se não me falha a memória. Esse samba era muito ouvido naquela época. Ouvi muitas vezes o Vicente Mateus cantando-o e acompanhando com seu pamdeirinho.

Na Cadeira de Rodas

Como é sabido, a cidade de Brasília, desde o início de sua construção e até os dias atuais tem sido alvo de grande fluxo migratório de Taboenses especialmente do segmento jovem que busca nessa cidade, a garantia de uma sustentação econômica

Um desses rapazes, após alguns anos de “ralação” nos canteiros de obras, passou a trabalhar no departamento pessoal de uma grande empresa.

Certo dia foi visitado por um conterrâneo seu que surpreendeu-se ao ver o amigo confortavelmente trabalhando usando uma poltrona giratória com pás em rodízio, muito comum em escritórios.

Retornando para Monsenhor Tabosa o rapaz foi procurado por familiares do amigo que queriam saber notícia suas -“fulano esta muito bem, esta usando ate cadeira de rodas!”. Os familiares preocupados logo escreveram para o rapaz, em busca de maiores informações, pois imaginaram que o mesmo sofrera algum tipo de acidente. Foi ai que entenderam a real situação, isto é após as explicações do parente.

Fazendo Obra

As principais construções no inicio de Brasília concentravam-se na Praça dos Três Poderes destacando-se o Congresso Nacional e o seu monumental prédio de 28 andares.

Naquela época já havia muitos Taboenses trabahando na construção da cidade, portanto também na edificação daquele edifício.

Determinado profissional, que trabalhava naquele prédio, escreveu para a família noticiando este fato e detalhando os perigos a que estava exposto em razão da profissão. A esposa então entrou em pânico e chorando, explicava a sua preocupação com o fato de o marido estar “Fazendo” obra trepado”, portanto correndo sérios risco de acidentes”.

O Monstro Noturno

Jovem, bonita, atraente, sem parentes biológicos na cidade, vez que era natural e oriunda de uma cidade do Norte do Pais, aquela recém- viúva morava em companhia apenas de seus três filhos todos em tenra idade.

Casara-se no Norte após o que, deixando todos os seus familiares naquela região, acompanhara o marido de retorno ao Ceará, onde ele falecera.

Passara então a residir com a sogra igualmente viúva que logo veio a falecer. Imaginem a sorte dessa pobre moça. Morando vizinha a nossa casa, certa noite quando em pleno sono foi atacada por um individuo que lhe desferiu violenta mordida ao nível da coxa fugindo na escuridão sem se deixar reconhecer.

Comovidos com o estado traumático da vitima, vizinhos e demais populares deflagraram verdadeira caçada ao agressor, identificado posteriormente como sendo um adolescente da cidade já com alguns antecedentes anti-sociais. O mesmo confessou suas intenções frustradas que culminaram com a agressão física á moça adiantando que se escondera no interior da casa ainda durante o dia.

Ressalte-se que o caso só foi desvendado graças a uma confidencia que a vitima fez a uma familiar de seu extinto marido,

segundo a qual em data anterior, o acusado teria se insinuado para ela adiantando que se um dia tivesse oportunidade “a morderia todinha”.

As Três Marias

A população de Monsenhor Tabosa sempre contou com elevado percentual de mulheres batizadas com o nome da mãe de Jesus. Às vezes até, os pais tinham a pretensão de acrescentar outro nome ao nome principal, mas o vigário da época não batizava crianças com nomes compostos. Dizem que em algumas situações quando o padre perguntava o nome da criança a ser batizada, que o pai ou o padrinho respondia por exemplo, Maria da Graça, ele respondia: “Aqui é só Maria a Graça coloca em casa”. Isto no entanto não impedia a família de tratar a criança pelo nome pretendido escolhendo o primeiro ou segundo nome.

Mesmo sendo um nome muito comum como já foi dito, 3 Marias no entanto, no entendimento deste autor destacaram-se sobremaneira entre as demais. Não tinham nada em comum além do nome, mas situações peculiares que envolveram cada uma delas, é algo que merece ser aqui relatado.

Com devido respeito á memória daquelas que já se foram desta para melhor e com igual respeito, carinho e admiração àquela que a bondade de Deus ainda mantém entre nós, passo a nominá-las:

Maria nº 1: Irmã e uma espécie da mãe do autor, que aos 18 anos de idade, desiludida e frustrada com o noivado tumultuado praticou suicídio ingerindo uma dose de substância letal, em 10 de outubro de 1957.

Maria nº 2: filha do senhor Manim Rodrigues e de Dona Tetê, Maria Manim como era conhecida era o orgulho de seus pais, admiração de seus irmãos e, com a devida vênias, uma espécie de deusa para este autor enquanto criança. Bonita, dinâmica, extrovertida e educada, Maria Manim era ao mesmo tempo uma moça simples, apesar da posição econômica de seu pai na época.

Em Monsenhor Tabosa, foi minha primeira professora em 1953 ou 1954, cuja sala de aula era em sua própria residência.

E por falar em professora, devo aqui ressaltar, que minha primeira mestra de fato, foi a Aldenora filha do senhor Nasario da Baixa Fria, isto em 1952.

Mas voltando a falar de Maria Manim, lembro-me que em 1952, quando morávamos na Lagoa dos Santos, em terra de seu pai, por algumas vezes a vi chegar em companhia de seu irmão Totonho, com uma carga de roupa em um jumento para ela própria lavar nas águas azuis e abundantes da serra.

Alegre, gostava de cantarolar e foi a primeira pessoa que ouvi cantando a marcha de carnaval intitulada **sassaricando**, sucesso da época e interpretada por Carmem Miranda.

Maria casou-se em 1959 com o não menos popular Francisco Ximenes ou Chico Otavio como era conhecido.

Com visível potencial de prosperidade o casal despontava para o sucesso econômico, quando o destino ingrato e traiçoeiro impôs á família o doloroso golpe de perder uma família em circunstância ate hoje não esclarecidas.

Maria definhou, adoeceu, morreu. Que Deus a tenha. Chico conseguiu transpor a turbulência que envolveu a família e graças a Deus ainda nos da o conforto de sua existência.

Maria nº 3 : filha do senhor Manu Pereira e de Dona Neném, sempre a admirei pela sua simplicidade, educação, religiosidade, inteligência e postura. Cantora e organista da igreja, tal situação estreitou nossos laços de amizade, pois eu também prestava efetivo serviço á Paróquia. Fomos colegas de classe no Ginásio Comercial Luis Leitão no ano de 1964.

Maria Aldenir Farias, a Maria Manu, também foi vitima da fatalidade. Noiva e ao que me recordo já com o casamento marcado com o jovem José Adauto, este veio a falecer abruptamente dia 18 de novembro de 1962, vitima de um desastre de caminhão. Foi um verdadeiro golpe na vida de minha querida amiga a quem não vejo desde que sai de Monsenhor Tabosa.

Detalhe: Maria não é natural de Monsenhor Tabosa e sim de Independência, mas sempre demonstrou muito apego á nossa "Telha" e ao seu povo

Orgulha-me muito o fato de um dia seu pai ter dito ao meu que acreditava muito no meu potencial de sucesso. O que lamento é que suas previsões não foram totalmente confirmadas.

O Crime da Porca

As Leis Brasileiras e demais dispositivos legais sempre primaram pela preservação não só da espécie humana, mas também dos seres irracionais. No Brasil atual há leis e órgãos específicos voltados exclusivamente para a proteção da fauna e da flora. Algumas décadas atrás não se tinha igual preocupação com esses dois reinos da natureza, exceto quando o dano afetava interesse particular e o ofendido buscava algum tipo de reparação. Prova disto é que em 1955, o senhor Pompeu Vasconcelos residia com a família no sitio Olho D'água, propriedade de Dona Maria Neusa, onde, entre outros animais criavam porcos soltos o que era comum na época. Após a residência, sentido cidade havia um riacho que, quando tinha água, tornava-se um atrativo para os animais.

Determinado dia o senhor Pompeu deparou-se com uma porca sua morta, com sinais evidentes de ter sido abatida a faca, numa atitude intencional. Pompeu evidentemente não gostou do que vira e denunciou o fato ao delegado da cidade, na época, o senhor Juvêncio, já apresentando um potencial autor.

Coincidentemente, naquele dia passaram no local, dentre outras pessoas, o senhor João Rosa e o jovem Antonio Felix (Antonio Ligeira), provenientes da Baixa Grande, onde trabalhavam em uma

lavoura do senhor Manim Rodrigues, sob a administração do primeiro. Não sei se havia alguma animosidade entre o dono do animal e Antonio Felix ou se outros motivos conduziram a suspeitas á sua pessoa.

Do outro lado do riacho, sentido cidade, havia outra moradia, esta em terras do senhor João Nunes.

Ao passarem em frente a casa João Rosa chamou a atenção de Antonio acerca de uma roupa secando na cerca do curral.

Ao saber das acusações de pesaram sobre si, muito embora, á luz da legislação, só há acusações quando há provas, Antonio em sua defesa buscou o testemunho do senhor João Rosa, pois durante todo o trajeto estivera em sua companhia.

Por sua vez os acusadores alegavam que embora ambos tivessem passado no local naquele dia e hora, os mesmo não estavam juntos ou seja passou um depois o outro, afirmação falsamente corroborada por moradores da segunda casa.

No momento da audiência coletiva, ouvidas simultaneamente testemunhas de acusação e de defesa além do acusado e acusador, o senhor João Rosa pediu ao delegado que perguntasse ao acusado que tipo de comentário ele João, fizera ao passar em frente a casa onde a roupa secava no varal. Antonio reproduziu na integra todo o teor da conversa jogando por terra a falsa afirmação de que passara sozinho em frente á casa.

Dado á fragilidade das acusações e o peso da testemunha de defesa, Antonio foi finalmente inocentado das acusações de um crime que de fato não cometera.

Seu Tibúrcio

Não sei seu nome completo, mas lembro-me nitidamente daquele ancião branco estatura mediana, olhos bem azuis que lhe obrigavam a usar óculos verdes, morador no sítio Coronel. Era dado ao uso de bebida alcoólica. Em 1952, morávamos na Lagoa dos Santos, onde meu pai tinha uma venda. Era passagem obrigatória do senhor Tibúrcio, indo ou voltado da cidade. Costumava ali parar para tomar umas doses de conhaque sua bebida preferida, enquanto conversava com meu pai e com os demais presentes. Sendo um homem de bem e reconhecendo sua condição de idoso, costumava dizer que pretendia largar o “árico” e morar no “sertão” “criar bicho lá” ou seja, ia parar de beber ia morar no sertão onde as condições são favoráveis à criação de animais.

O Cavalo Marchador

Era também comum aos domingos, vê-se o senhor Manoel Paixão, morador do Mundo Novo, percorrendo as ruas da cidade em seu cavalo Melado, bem tratado e marchador, dando gargalhadas enquanto o animal fazia piruetas obedecendo ao seu dono.

Via-se também um senhor morador e proprietário em uma localidade da periferia, bem sucedido financeiramente, cuja condição, fazia questão de demonstrar, quando alguém lhe pedia para pegar-lhe uma dose. O cidadão não se recusava a pagar, mas dizia: “Beba e saia calado, você não tem dinheiro.” E acrescentava: “Quem tem dinheiro aqui, sou eu e seu Honório.” “Tenho vacas para andar montado e burras para comer leite.”

O Zé Cancão

Em “Monsenhor Tabosa e suas Histórias”, no Capítulo 14, o autor fala sobre visagens, assombrações e lobisomens, com muita propriedade, no entanto, esqueceu-se de mencionar a figura de “Zé Cancão”, aquela personagem invisível, que morava nas cercanias da cidade. “Zé Cancão” nunca foi visto, só deixava vestígios e sinais de sua passagem pelas estradas que demandam à cidade. Alimentava-se de galinhas e outros pequenos animais furtados das residências por onde passava. Dormia à sombra de juazeiros, à beira das estradas e para se aquecer nas noites de frio,

acendia um fogo, usando para isto, varas retiradas das cercas. Às vezes caía em sonos profundos e o fogo se estendia às propriedades, devastando cercas, pasto e legumes. Diziam que seu “habitat” era na estrada que vai para a Volta do Rio, mais precisamente nas proximidades da entrada para o Retiro.

Comentava-se na época que, algumas pessoas, para se vingar de algum proprietário de terras, ou simplesmente para lhe causar o mal, tocavam fogo em suas terras e atribuíam tal fato ao Zé Canção. Como o acusado nunca era visto, nunca foi punido pelos atos a ele atribuídos.

Várias tentativas foram feitas com o intuito de capturar Zé Canção, mas todas foram infrutíferas.

Há também a história contada pelo senhor Antônio Mariano, que foi muito comentada na época e causava arrepios a muita gente. Segundo ele, uma noite retornava do Sítio do Souza e, logo após subir a ladeira, deparou-se com um jumento preto, atravessado na estrada, com a parte posterior nesta e a anterior já dentro do mato. Nas proximidades do local morava um casal de amasiados, fato que era do conhecimento do senhor Antônio. Já cansado resolveu montar um animal que lhe parecia bastante robusto. Ao montar, com um pequeno cipó bateu no pescoço do quadrúpede, na intenção de fazê-lo voltar-se para a estrada, uma vez que o mesmo estava atravessando. Foi o bastante para o bicho sair em disparada, numa velocidade tamanha que “parecia estar voando.” À medida que ia passando em frente às casas, os cachorros iam acompanhando, mas não conseguiam empreender a mesma velocidade. Com poucos minutos estavam na cidade e, como o animal não parou, o senhor Antônio resolveu saltar, precipitando-se no chão enquanto o muar continuou correndo, com os cachorros em seu encalço.

Esta história me foi contada em 1964, diretamente pelo seu protagonista.

Falava-se também no “bicho do Zacarias”, ou seja, algo em forma de um jumento que teria entrado em luta com o senhor Zacaris Rosa. Não sei até que ponto essa história é verdadeira, pois nunca o senhor Zacarias, homem sério e de poucas brincadeiras, falou sobre isso na minha presença. Acredito até que ele nem gostasse de abordar esse assunto. Esse fato teria acontecido na estrada do Ferreiro, na época, na propriedade do senhor Almeida.

Senhor Almeida, ou Antônio Costa de Almeida, era proprietário de um sítio que divisava com a cidade, abrangendo as margens do “Rio do Governo”. Dentre outras frutas, a produção de mangas era abundante na época da safra, o que despertava o interesse da garotada e até mesmo dos adultos que eventualmente se arriscavam em tais aventuras. Senhor Almeida costumava percorrer a propriedade, não só para coibir a presença de estranhos, mas também para determinar aos empregados (moradores), a adoção de providências com vistas à preservação da propriedade. Em uma dessas inspeções, deparou-se com um rapaz embaixo de um pé de manga, sentado diante de uma enorme quantidade da fruta. Surpreso, o rapaz falou: “Bom dia senhor Almeida.” “Senhor Almeida, não, eu sou o F. ladrão de manga que desde menino que rouba manga neste sítio, senhor Almeida é você, o proprietário”, respondeu o senhor Almeida.

O rapaz pego em flagrante, nunca escondeu isto de ninguém.

Por milagre, isto não lhe rendeu um apelido, o que era comum na época, via de regra a cargo do Raimundinho Firmino e do Antônio Rosa.